

SETEMBRO, 2020 | EDIÇÃO #18 | APERIÓDICO

BLOCO MÁGICO

BOLETIM DO CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE



Copyright: @henrikeau (instagram)

TEXTO DE ABERTURA DA
NOITE DE FUNDAÇÃO DO
NÚCLEO BRASÍLIA

■ 3

Maria Ormy
Moraes Madeira

SÓ O AMOR PODE FAZER
O GOZO CONDESCENDER
AO DESEJO

■ 7

Marco Antonio
Coutinho Jorge

'SE VOCÊ ME ABANDONAR, EU TE MATO'
O QUE É DE ESTRUTURAL
NA TRANSFORMAÇÃO
DO AMOR EM ÓDIO?

■ 14

Heloneida Neri

A DEVASTAÇÃO
NA RELAÇÃO
MÃE E FILHA

■ 20

Teresinha Costa

E mais...

EDITORIAL

Prezados leitores,

nós, da equipe do Bloco Mágico, esperamos que vocês estejam atravessando esses momentos de isolamento social de forma saudável e proativa. Há seis meses, o mote continua: fique em casa. Conquanto domiciliados, os atendimentos aos pacientes, as supervisões, os estudos e as *lives* fazem com que a transmissão da psicanálise permaneça virtualmente.

Abrimos a presente edição com o texto da psicanalista Maria Ormy Mores Madeira, discurso proferido em ocasião da fundação do Corpo Freudiano – Núcleo Brasília, no mês de agosto. Na noite festiva, Ormy relata sua trajetória desejante na psicanálise. Passados dez anos de sua estada no Rio de Janeiro, rememora sua atuação no Corpo Freudiano – Seção Rio, estudos e engajamento, pilares esses que sustentaram seu desejo de, ao retornar a Brasília, trazer esse “Corpo”, o qual passa agora a dirigir.

Para contribuir com nossa leitura, o psicanalista Marco Antonio Coutinho Jorge apresenta o artigo “*Só o amor pode fazer o gozo condescender ao desejo*” – em alusão ao aforismo lacaniano – no qual se propõe, a partir da estrutura da narrativa da obra *As mil e uma noites*, tematizar a relação entre os pares: amor e gozo e amor e morte. Em sua leitura, em tais díades se presentifica “– a problemática, a verdadeira guerra que existe entre o amor e o gozo em cada sujeito, pois a nossa estrutura implica amor, desejo e gozo”. No decorrer do texto, destaca, ainda, a ligação entre amor e morte, par indissolúvel, pois o amor não suporta a separação, a perda e a falta – *o amor é mais forte, ele é como a morte*.

Na sequência, a psicanalista Heloneida Neri nos contempla com o texto “*‘Se você me abandonar, eu te mato’*. *O que há de estrutural na transformação do amor em ódio?*” A partir da indagação “O que leva alguém a matar seu objeto de amor, quando este sai do lugar de objeto desejado e passa a ocupar o lugar de sujeito de um desejo que visa outra direção?”, a autora – no caminho trilhado por Freud acerca da questão sobre o aspecto estruturante do ódio e uma consequente passagem ao ato – desenvolve o tema a partir da potente articulação entre amor, desejo e gozo, na qual “*o amor, como o ódio, é uma carreira sem limite*”.

Por fim, conferindo um arremate às nossas discussões, a psicanalista Teresinha Costa, com o texto “*A devastação na relação mãe e filha*”, discorre sobre a teoria da sexualidade feminina. Se, para Freud, a feminilidade de uma mulher se apresenta como um impasse, denominada de catástrofe na relação da filha com sua mãe, veremos como Lacan somará novas contribuições ao tema freudiano. A autora aborda o preconizado por Lacan acerca do desdobramento da “figura da mãe em uma função materna e em uma função feminina na medida em que uma mãe é também uma mulher”. A catástrofe, intitulada por Freud, ou a devastação, denominada por Lacan, acontece quando a mãe não sustenta as dimensões da função materna e feminina que representa para sua filha.

No tocante à agenda de eventos da Escola, damos especial atenção ao *X Encontro Nacional e X Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise: O Valor da Vida – 100 anos Além do Princípio do Prazer*, a se realizar em novembro de 2020. Para tanto,

convidamos os leitores a compartilhar as informações aqui divulgadas na seção Informes. Programem-se!

E como de costume, lembramos que as programações e atividades das Seções e Núcleos do Corpo Freudiano encontram-se disponibilizadas no *site* da Escola e também nas respectivas páginas oficiais de *Facebook*.

Desejamos a todos excelentes leituras e articulações!

Rio de Janeiro, setembro de 2020

TANIA ROSAS
Editora

BLOCO MÁGICO

Boletim de circulação interna do CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

Editora: TANIA ROSAS

Equipe: ARTHUR PEREIRA, MARIA CECÍLIA SOUSA E THOMAS SPERONI

Secretaria de Publicações: TANIA ROSAS

blocomagico@corpofreudiano.com.br

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

contato@corpofreudiano.com.br

www.corpofreudiano.com.br



BRASIL

SEÇÕES

Belém (PA)

Campos dos Goytacazes (RJ)

Cuiabá (MT)

Fortaleza (CE)

Goiânia (GO)

Imperatriz (MA)

Rio de Janeiro (RJ)

São Luís (MA)

Teresina (PI)

NÚCLEOS

Barra Mansa (RJ)

Brasília (DF)

Dourados (MS)

João Pessoa (PB)

Macaé (RJ)

Nova Friburgo (RJ)

São Paulo (SP)

Teresópolis (RJ)

Vassouras (RJ)

FRANÇA

SEÇÃO

Paris

ESTADOS UNIDOS

SEÇÃO

Boston

TEXTO DE ABERTURA DA NOITE DE FUNDAÇÃO DO NÚCLEO BRASÍLIA DO CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

Por MARIA ORMY MORAES MADEIRA

Discurso apresentado na noite de
4 de agosto de 2020

Imagino estar havendo um estranhamento pela escolha do tema do canto fúnebre com que Numa Ciro¹ lindamente acaba de nos contemplar. O porquê do pranto no canto na noite de fundação do Núcleo de Brasília?

Não deveríamos ter escolhido, para esta noite, exprimir a alegria pelo nascimento do Corpo em Brasília?

Quando publicamos o convite nas redes sociais, anunciamos: “Diálogos sobre o Corpo”. O fato de os convidarmos a falar do corpo já começa a indicar o propósito do pranto do canto, pois a dor é uma das formas de o corpo falar. Também, não há como falar do corpo sem falar de vida e morte.

Corpo, dor, vida e morte: quatro significantes que nos remetem à invasão que o real nos acomete nesses tempos de pandemia. Um “pedacinho do real”, como nomeado pela psicanalista Stella Jimenez, vítima recente do Covid-19, esse que mudou nossas vidas e nossas mortes. O isolamento social impôs às

vidas clausura e, às mortes, solidão. Mortes sem a assistência das pessoas amadas, sem velórios, sem rituais simbólicos que oferecem àquele, mesmo que morto, sua história perpetuada nas letras de seu nome inscritas na lápide: vida após a morte.

Na psicanálise, não recuamos diante do real, sabemos-lo impossível como um furo no imaginário e como falta no simbólico. Isso talvez explique o porquê de iniciarmos essa noite de fundação homenageando tantas vidas ceifadas nessa invasão do real.

Embora o corpo não tenha um estatuto conceitual em Freud, do ponto de vista da psicanálise, o corpo freudiano é considerado sob diversos ângulos, mas preponderantemente na articulação com o inconsciente. Sob o ponto de vista de Lacan, trata-se da articulação entre corpo e linguagem, uma vez que concebe o inconsciente estruturado como linguagem. Porém, o corpo na psicanálise vai sempre aparecer com uma certa ambiguidade em torno de ser ou de ter. Como Freud elaborou, o Eu é análogo ao corpo, corpo próprio.

¹ Música fúnebre: “Excelência” – música de Flaviola e letra de Numa Ciro.

Deduzimos, então, como um corpo para chamar de nosso.

Desde o início de seus estudos, Freud reconhece a relevância das primeiras experiências de satisfação do bebê. Trata-se de um corpo que nasce muito prematuro e na dependência de cuidados de seus semelhantes. Esse fator produz as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado de que o homem não mais será libertado. Esse aspecto é extremamente relevante, pois o animal da espécie humana não depende apenas das necessidades fisiológicas, mas, muito além disso, precisa de que outro semelhante lhe tire da condição biológica de desamparo e lhe proporcione, na dialética eu-outro, “conjuguar” o verbo amar que se desdobrará na “fonte intrínseca de todos os motivos morais” (FREUD, 1895 [1992], p. 363).

A psicanálise não se esquece jamais de que o psíquico repousa sobre o orgânico, sendo o conceito de pulsão, apoiado nesse princípio, como uma medida de exigência imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo. Porém, é o corpo erógeno que prepondera ao organismo, a ponto de Lacan dizer que a psicanálise é a ciência das eróticas do corpo, sendo essa, segundo ele, a melhor definição da função da psicanálise.

É pela imagem dos lábios que beijam a si mesmos que o corpo-narcísico do bebê se toma como objeto de amor. O bebê, ao fantasiar sua satisfação sugando sua própria boca, evoca esse círculo que implicará na abertura do corpo na sua própria aptidão para a erotização e já aponta para a fundação de uma realidade que perdurará ficcional.

É o que Freud vai elaborar sobre o narcisismo (1914) como uma fase necessária que estrutura as relações do homem com o mundo. O corpo, na medida em que é uma forma, desempenha um papel primordial nesse processo, como nos mostra o Estádio do espelho de Lacan (1949): “É a imagem de seu corpo que constitui a unidade que o Eu percebe nos objetos.”

Podemos dizer com Freud e Lacan que, para se fazer um corpo, é necessário um organismo, uma imagem e um dito: “tu és aquele que vês”. É nesse processo do estágio do espelho que o Eu se constitui no engodo das identificações. É como a superposição dos diferentes mantos tomados da coleção dos vários objetos investidos libidinalmente ao longo de sua história.

É importante que esse Eu-corpo seja tomado pelo desejo dos pais e investido de suas fantasias, contudo, é preciso uma nova ação psíquica para sair do lugar de objeto amado e investir em outro lugar. Entre castrações, frustrações e privações, o gozo no corpo sofrerá suas consequências tornando-se gozo apenas parcial, limitado pela cadeia de significantes que divide o corpo em zonas erógenas. Regido pelo princípio do prazer, esse corpo vai gozar apenas nos buracos e bordas por meio dos objetos da pulsão que Lacan nomeou: seio, fezes, olhar e voz – objetos condensadores de gozo. Mas esse processo também não será sem consequências. É o que se desvela na clínica da inibição, sintoma e angústia.

Contudo, há também um mais além do gozo limitado pelo princípio de prazer entre “O Eu e o Isso” (1923). Embora, o nosso Eu seja sobretudo um eu corporal derivado das sensações, basicamente daquelas que afloram da superfície do corpo, ele não é

apenas um ente de superfície: é também, ele mesmo, a projeção de uma superfície. Ele se comporta durante nossa vida de forma essencialmente passiva. Avassalado entre o Supereu e o Isso, somos vividos por forças desconhecidas e incontroláveis, como afirmou Georg Groddeck, considerado o pai da psicossomática. Freud concordou: "... de fato, todos nós já tivemos a impressão de sermos vividos por tais forças" (Freud, 1923 [2007], p. 37).

Nossa superfície corporal é investida de um valor atribuído por nossos provedores de cuidados que os sonhos e sintomas testemunham, colocando em cena a anatomia fantasística do corpo erógeno. Não sem razão, a pele é esse órgão tão afetado pelas manifestações psicossomáticas. As afecções na pele podem ser uma maneira de se manter ligado a traços de memória inscritos no corpo nesse estágio da vida. É nessa superfície que é depositado o amor, a atenção, a repugnância, a agressão, num processo que fundamenta a relação com nossa imagem corporal, com as imagens externas e com o outro. São identificações que podem modificar a própria matéria do corpo.

Em suma, podemos dizer que, sob o viés psicanalítico, o corpo, como lugar de passagem do objeto e da linguagem, é aquele que reverbera ecos. Sendo a linguagem, ao mesmo tempo, limite ao gozo, é ela mesma causa de gozo. Essa constatação leva Lacan a concluir: assim como há um gozo que se enlaça à vida, há um sem limite, um Outro gozo que corteja a morte. E o corpo é o lugar privilegiado para o intrincamento e desintrincamento de vida e morte, da pulsão e do desejo.

E falando em desejo, fundamos hoje o Núcleo de Brasília do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, projeto que esteve em gestação em mim ao longo dos últimos 10 anos. Primeiro, como associada da Escola no Rio de Janeiro, onde fiz minha formação básica e, posteriormente, na formação permanente, quando tive oportunidade de participar de inúmeros seminários e de manter viva interlocução com professores e colegas, o que me levou ao mestrado e agora ao doutorado, sempre pesquisando o corpo afetado pela linguagem. Na academia, como aluna, e no Corpo Escola, como associada e analista, como parte desse Corpo, desejei levá-lo comigo se um dia tivesse que deixar o Rio de Janeiro. Aqui estamos, o desejo tomou corpo!

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1895). Proyecto de Psicología. In: *Obras completas*, v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, p. 25-40.
- _____. (1914). À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 95-132.
- _____. (1915). Pulsões e Destino da Pulsão. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v.1. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 133-174.
- _____. (1915). O Inconsciente. In: *Obras Completas*, v. 2, Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1915). São Paulo: Companhia das letras, 2010, p. 13-74.
- _____. (1920). Além do Princípio de prazer. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 123-198.
- _____. (1923). O Eu e o Id. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 13-92.
- _____. (1924). O Problema Econômico do Masoquismo. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 103-124.

GRODDECK, G. W. (1917-1933). *Escritos Psicanalíticos sobre literatura e arte*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. (1921). *O Livro dlssa*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. (1917-1933). *Estudos psicanalíticos sobre psicossomática*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LACAN, J. (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96-103.

_____. (1953). Função e campo da fala e da linguagem. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238-324.

_____. (1970). Radiofonia. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 400-447.

_____. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

JIMENEZ, S. *A vingança do real*. Publicado por Jornal GGN In: Artigos. 28 de abr. de 2020.

MARIA ORMY MORAES MADEIRA é Psicanalista; doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PGPSA-UERJ); Mestre em Psicanálise (PGPSA-UERJ); Pós-Graduação em Psicologia Clínica (CCE-PUC-Rio); Psicóloga (UniCEUB-Brasília); Analista do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise; Coordenadora do Grupo de estudos sobre o Corpo na Psicanálise no Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro); Diretora do Núcleo Brasília do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.

mariaormy@gmail.com

SÓ O AMOR PODE FAZER O GOZO CONDESCENDER AO DESEJO

Por MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE

Duas coisas me interessam em especial ao refletir psicanaliticamente sobre o amor. Uma delas é a relação entre o amor e o gozo – a problemática, a verdadeira guerra que existe entre o amor e o gozo em cada sujeito, pois a nossa estrutura implica amor, desejo e gozo. Por isso, a frase “só o amor pode fazer o gozo condescender ao desejo” funciona como uma verdadeira bússola de reflexão para nós, que seguimos a psicanálise com Lacan. Uma frase, dez palavrinhas, que contém três termos caros à psicanálise: amor, desejo e gozo. São três conceitos, três dimensões essenciais da sexualidade humana que, podemos dizer, Lacan articula nessa única frase. Voltaremos a isso adiante.

O outro aspecto é a relação problemática, conflitiva e de guerra, entre o amor e a morte. Esses dois aspectos eu abordo no meu livro sobre *A clínica da fantasia* (2010). Essas duas dimensões – amor e gozo, amor e morte – são onipresentes na obra de Freud e no ensino de Lacan, assim como na literatura. Em toda criação literária, poética, ficcional, teatral e cinematográfica, especialmente – por ser uma arte que pode incluir várias artes em si –, essas duas polarizações radicais, que trazem conflito para o amor, são universais. Elas estão presentes na psicanálise, na obra dos grandes mestres. Estão presentes na fala do sujeito, do analisando. Estão presentes nas

obras artísticas. E o que me interessa pensar é o que há de estrutural nessas duas grandes polarizações que incluem o amor.

AMOR E GOZO

As mil e uma noites é a obra da literatura universal que, a meu ver, identifica da forma mais excelente a polarização entre amor e gozo. É uma obra que foi escrita ao longo do tempo, através do recolhimento realizado a partir do século IX de pequenas histórias das culturas árabe, persa e indiana. Existem diferentes “*Mil e uma noites*”, não uma só. A edição de Antoine Galland, que verteu a obra para o francês em 1704, a partir de um manuscrito sírio do século XV, é uma das mais importantes e precursoras; a de Joseph-Charles Mardrus é outra versão importante, e há ainda a de Richard Burton assim como a de Edward Lane. Uma nova tradução brasileira, feita diretamente do árabe por Mamede Mustafa Jarouche, surgiu recentemente.

Um grande especialista, que falava maravilhosamente bem sobre “as noites”, foi Jorge Luis Borges. Ele tem um livro, uma joia, chamado *Sete noites*. Trata-se de sete conferências que Borges deu em Buenos Aires, como ele costumava fazer em vários lugares do mundo – conferências com a

erudição poética que só ele sabia enunciar – , e uma das sete noites ele dedicou às “*Mil e uma noites*”.

Existe outra obra, da psicanalista Betty Milan, chamada *E o que é o amor?*, em que ela também toca nessa questão. No meu primeiro livro, *Sexo e discurso em Freud e Lacan*, há um capítulo sobre essa história. E em *A clínica da fantasia*, eu retomo de outra maneira essa obra que vai mostrar a questão do gozo encarnada pelo sultão Schariar.

Schariar tinha um irmão, e os dois receberam duas partes diferentes do sultanato quando o pai deles morreu. Os sultanatos de ambos ficavam bem distantes, e um dia Schariar decide visitar o irmão, Schazenan. Schariar prepara a caravana para essa viagem e, quando já estava um pouco distante do palácio, lembra que deixara um dos presentes mais importantes que iria levar para o irmão. Ele, então, retorna ao palácio e, ao entrar, uma verdadeira orgia se apresenta aos seus olhos. No centro dessa orgia, estava sua mulher com os escravos e as escravas. Schariar fica completamente furioso e manda matar não só sua mulher, como todos os que participavam dessa festa orgiástica.

Inteiramente desolado, Schariar volta para a caravana e vai visitar seu irmão. Chegando lá, Schazenan vê que ele está outra pessoa; não tem nenhuma vitalidade nem alegria, está cabisbaixo, muito fechado, não consegue falar. A fim de alegrá-lo, o anfitrião manda trazer todas as diversões possíveis – música, teatro, dança, o que havia de melhor – mas Schariar continua ensimesmado. Um dia, Schazenan tem uma ideia: “Vamos caçar!”, e prepara a caravana para a caça, à qual seu irmão era bastante aficionado. Na última hora, contudo, Schariar diz: “Eu não vou, não

vou porque não estou bem, eu não quero ir”. O irmão insiste, mas ele acaba ficando, e a caravana da caça vai embora. Mal a caravana parte, Schariar, que estava recluso num dos aposentos do palácio, vê uma movimentação acontecer. Ao procurar saber o que era, descobre que se tratava de uma orgia no palácio, no centro da qual estava a mulher de seu irmão.

Quando volta para o seu sultanato, convencido de que todas as mulheres traem seus maridos, Schariar baixa uma lei que vai ditar o seguinte: a cada noite, ele iria possuir uma virgem, uma linda virgem que, ao raiar do sol, seria decapitada. Vejam que estrutura poderosa, o que eu falei até agora são as setenta primeiras páginas do livro, que contém mais de mil páginas. É uma estrutura. E essa estrutura é o que mais nos interessa do ponto de vista psicanalítico. Essa estrutura que se apresenta de maneira violenta para um homem, aquilo que o confronta e arrebenta a sua relação amorosa privilegiada com uma mulher. E o que é? É a dimensão do gozo. O gozo e o amor são rivais dentro de cada sujeito. Essa rivalidade pode aparecer e aparece com uma certa frequência, poderia até dizer que ela é onipresente. E desperta nesse homem – a título de uma figura que pode muito bem exemplificar a posição do homem nesse caso – a perversão.

Schariar adquire uma posição perversa em que ele é a lei, em que ele não admite a diferença e não aceita que haja um desejo que transcenda a pessoa dele. Ele cria um gozo do qual ele é o único proprietário e do qual o outro, no caso, a mulher, não pode partilhar. Vejam que o que está em jogo nessa história não são só o amor e o gozo, são o amor e a morte também, porque ele vai mandar decapitar cada virgem por ele

possuída. E conforme conta a história, isso vai se repetindo longamente. Schariar constrói, assim, um dispositivo erótico em que o gozo está totalmente conectado à morte e no qual a morte do outro impede a intersubjetividade amorosa. Esta talvez seja a melhor definição da perversão: a objetificação do outro em prol do gozo e a consequente anulação do outro como sujeito. Não é difícil também ver nele uma espécie de variação da necrofilia, posto que, fadado à morte, o objeto do qual Schariar extrai gozo tem a morte inscrita nele.

Essas mil e uma noites, como diz Borges, são uma metáfora do infinito, esse “mil e um”, esse um a mais no mil, significa que essas noites se eternizam. Mas o que é ainda mais interessante nessa história é a habilidade, a sagacidade da mulher que se chama Scheherazade, que é descrita como sendo a mais linda, a mais inteligente, a mais culta do sultanato.

Vejam que é uma mulher com um poder real, simbólico e imaginário. A mais linda, a imagem mais maravilhosa. A mais culta e erudita, conhecia tudo – medicina, filosofia, literatura, poesia, música – um simbólico poderoso. E real, porque ela vai se apresentar como um objeto que não pode ser capturado pelo sultão. Então, ela propõe um acordo a seu pai, que era o grão-vizir, braço direito do sultão: “Eu vou me apresentar como uma dessas mulheres que vai ser decapitada”. O pai fica desesperado: “Não, minha filha, não faça isso, você vai ser morta, você é minha filha querida!”. Ela diz: “Não, papai, eu tenho um plano”. O pai tenta movê-la, não consegue, e o plano dela é executado. Ela vai passar a noite com o sultão que, evidentemente, quando ela se propõe a isso, fica muito satisfeito, já que possuiria Scheherazade.

Conta a estória que, quando está se aproximando a manhã do dia em que seria decapitada, ela pede ao sultão: “Eu poderia, magnânimo sultão, me despedir de minha irmã Dinarzade? Seria possível dizer adeus para ela?”. O sultão, claro, muito generosamente, diz: “Óbvio, mandem chamar Dinarzade”. Dinarzade chega nos aposentos, na alcova do casal, e, por sua vez, pede para Scheherazade: “Minha querida irmã, conte para mim uma daquelas suas lindas histórias, antes de você desaparecer para sempre”. Scheherazade se volta para o sultão e pondera: “Eu faria isso com grande prazer, caso o magnífico sultão o permita”. E o magnífico e generoso sultão afirma: “Mas é claro! Eu jamais impediria que isso acontecesse, você contar uma história para sua querida irmã, que pede isso com tanta ternura”.

E Scheherazade começa a contar uma história, uma das maravilhosas histórias das mil e uma noites. Mas, ao chegar o momento em que o primeiro raio de sol ia despontar, Scheherazade se interrompe e diz: “Infelizmente...” – e a história estava no seu ápice! O sultão começa, então, a ficar seduzido e envolto naquilo, porque as histórias de Scheherazade, como disse Betty Milan, são histórias do passado dele, da família dele. Ela fala como se fosse ele falando, são histórias que o envolvem profundamente porque ela fala dos seus ancestrais, de seu passado e de sua cultura – “...eu não vou poder continuar, porque, nesse momento, conforme a lei do magnífico sultão, eu serei decapitada, minha querida irmã”.

O sultão fica sem saber o que fazer porque desejava saber o resto da linda história. E aí, Scheherazade, percebendo seu interesse, diz: “A não ser que o sultão permita que eu

continue essa história amanhã. Isso é uma coisa que só ele pode decidir”. “Mas é claro que eu permito. Amanhã você continua a narrar essa história para concluí-la”, responde Schariar. E isso vai se prolongar durante todas as mil e uma noites, ao longo das quais Scheherazade engravida do sultão. Então, o sultão faz um édito e suspende aquela lei tenebrosa, e eles podem viver felizes para sempre. Não são só os americanos que gostam do *happy end*. Os árabes também gostavam. Aliás, todos nós gostamos, todos nós queremos o *happy end*. Isso faz parte da estrutura.

Esse amor, mencionado anteriormente por Ana Suy, é um amor que, a meu ver, Lacan situa na sua obra como um amor já adquirido a partir de um processo de análise. Lacan vai falar do “amor dom ativo”, e diz no Seminário 1: “Desse amor, que é raro, só duas pessoas são capazes: o pai, e o analista”. Porque é um amor que se tem pelo outro, mas não se aspira à reciprocidade, você ama o outro para que ele vá gozar desse amor em outro lugar, com outra pessoa. Mas o amor nosso de cada dia, a meu ver, não é esse. Nosso amor é narcísico, nós queremos a completude, não abrimos mão dela. E qualquer falha que se apresente para o nosso amor será recebida com toda violência.

Lacan diz no Seminário 20 – um dos pontos mais altos de seus seminários – que “o verdadeiro amor desemboca no ódio”. E ele fala disso de uma maneira muito surpreendente: “A verdadeira amor desemboca no ódio” – [la vraie amour]. Ele não quer saber do gênero da palavra, ele feminiliza o termo – “A verdadeira amor desemboca no ódio”. Essa frase é uma referência essencial, porque ela resume o que Freud mostra inúmeras vezes: amor e

ódio são as duas faces da mesma moeda. Não existe amor verdadeiro que não leve ao ódio. Porque se, quando eu amo, o outro me completa – e completa mesmo, não é ilusão, o amor completa, sim (aí nós temos duas versões do amor, eu acho, uma feminina e uma masculina, que já vão dialogar) – o sujeito não abre mão dessa sensação de completude; e se ele perder essa completude, ele perdeu tudo. Porque se ele conseguiu o objeto a que ele tanto aspirou, se ele teve a sensação, a vivência real de ter conseguido esse objeto, concordo com Ana Suy, é ilusório, claro que é ilusório, mas a vivência do sujeito não é ilusória, é verdadeira e toma todo o ser dele. Mesmo as pessoas analisadas amam e amam dessa maneira narcísica. Eu não conheço ninguém tão analisado que não ame. Freud afirmava que a análise deve levar o sujeito a ter condições de poder amar e trabalhar.

Então, amor e ódio são as duas faces da mesma moeda. E se o sujeito encontrou aquilo que o completa, ele deu sentido à vida, porque a gente vê isso claramente na vida cotidiana. O sujeito, quando ama de um dia para o outro, sua vida adquire todo o sentido. Antes não fazia sentido nenhum, ele estava ali, naquela vidinha morna, sem graça, o céu azul e o sol brilhando, mas... “Não tem muita graça”. No dia seguinte chove, e tudo cinza, mas se ele ama... “Ah, que chuva maravilhosa... que tempo deslumbrante, a natureza é tão forte!” O real adquire sentido, e essa é a força do amor, é dar sentido ao real, ao que não tem nenhum sentido.

O amor dá sentido ao real, dá sentido a tudo aquilo que nos acossa durante a vida, seja de fora, de uma maneira violenta, traumática, seja de nosso próprio interior, do pulsional. Somos traumatizados pelos desejos e

pulsões que vêm de dentro de nós, ou seja, somos como uma película suave, tênue, contudo bastante poderosa, e que a análise ajuda a reforçar para enfrentar o que vem de fora da ordem do real e o que vem de dentro igualmente da ordem do real. O amor e a análise – eu acho que grande parte do que a gente pode atribuir à força da análise é ao amor que ela desencadeia – o amor de transferência. Freud não hesita em afirmar que entre o amor e o amor de transferência não existe diferença nenhuma.

O amor dá sentido, o amor é da ordem do imaginário. O imaginário no sentido lacaniano não tem a ver com a imaginação, mas com o que tem sentido, um sentido fechado: “Eu amo essa pessoa”. “Por que você ama?”. “Não interessa!”. “Mas como é que você começou a amar?”, “Não sei”. “Por que você ama?”, “Sei lá eu, mas eu amo!”. E é só isso que interessa a quem ama, mais nada. E vá você dizer alguma coisa contra esse amor, vá você tentar dizer assim: “Poxa, mas você não acha que essa pessoa que você ama tem alguma coisa que...”. O quê? Perdeu a amizade ao dizer isso, deixou de ser amigo.

AMOR E MORTE

Amor e morte. Amor e morte são também outro tema que se liga a isso tudo, tudo isso é uma coisa só. O amor não tolera nada que implique a separação, a ruptura, algo que anuncie de longe ruptura, separação, perda, falta – morte nem pensar. O grande inimigo do amor é a morte. E se o amor faz sentido e dá sentido para a nossa vida, é porque no nosso horizonte nós temos essa figura odiosa, que é o nosso perecimento.

Moustapha Safouan tem uma definição para o amor deslumbrante, assim como as de Roland Barthes. Ele vai dizer: “O amor é todas as fibras do ser dirigidas a um objeto”, é maravilhoso isso! Todas as fibras do ser, isso é corporal, é muscular, é neuronal, é “palavral”, é tudo, é tudo voltado para o objeto. O amor dá sentido à vida, dá sentido “à vida”, ou seja, a morte fica posta de lado. Esse é o grande perigo do amor. O perigo do amor é que essa ilusão ‘encegueça’ e você esqueça – muito mais do que deveria – que existe a morte – sim, porque esquecer um pouco que a morte existe é salutar e necessário –, que existe a falta, que existe a perda, que existe a separação e que existe o gozo do outro que, em algum momento, pode deixar de olhar para você e olhar para o lado, coisa que o amor não tolera. Não tolera porque não pode tolerar, não tem como tolerar.

No Cântico dos cânticos, por exemplo, vocês vão ler um dos mais lindos poemas de amor, senão o mais lindo poema de amor: “O amor é forte, ele é como a morte”. O rei Salomão aproximou o amor e a morte. Ele não disse: “O amor é mais forte que a morte”. Ele não ousou dizer isso. Nós, no nosso cotidiano humano, frágil e às vezes desesperado, nós às vezes somos levados a dizer: “O amor é mais forte do que a morte”.

Vou dar um exemplo, um lindo livro chamado *102 minutos*. É o trabalho de dois jornalistas norte-americanos, Jim Dwyer e Kevin Flynn, que fizeram um trabalho de investigação sobre o ataque às torres gêmeas de Nova York. Eles investigaram tudo o que aconteceu dentro das torres nesses 102 minutos, que são o tempo que transcorreu entre o primeiro bombardeio, o primeiro avião que se chocou contra a Torre Sul, e o momento em que caiu a Torre Norte.

Foram 102 minutos. Foi um trabalho jornalístico invejável, eu aconselho a leitura desse livro. É impressionante.

O que mais me chamou atenção nesse texto foi algo que eles mencionam dando alguma ênfase, mas nós, psicanalistas, podemos dar mais ênfase a isso. É o fato de que eles descobrem que, no momento em que aquelas pessoas que estavam presas dentro das torres descobrem que não têm saída, que não há mais escadas nem elevador, e começam a subir ao topo – ou seja, a pior coisa num incêndio é subir –, elas começam a mandar mensagens, e-mails, tudo o que elas podem, deixar recados na caixa postal, na secretária eletrônica para as pessoas que elas amam, dizendo, todas elas, e eles fazem um repertório disso: “Eu estou ligando para você para dizer que eu estou preso aqui no World Trade Center, eu não sei o que aconteceu, se é um incêndio, se é uma bomba, o que é, mas não tem saída, e eu vou morrer, eu acho que vou morrer, eu só queria te dizer uma coisa: que eu te amo”.

Isso é de uma força! Do que é que, diante da morte, da iminência da morte, o sujeito vai lançar mão? Da declaração de amor! Existe essa expressão – você declara o seu amor. E eu me perguntei durante muito tempo por que o sujeito, diante da iminência da morte, vai declarar o seu amor? O que é que o move? Perguntei isso para várias pessoas, em encontros de psicanalistas, encontros de amigos, pessoas que eu prezo muito, cuja opinião eu queria saber, perguntei para muita gente. E vieram muitas respostas diferentes, todas interessantíssimas, que diziam, por exemplo: “É você perpetrar a sua vida num outro”, alguém me disse. Betty Fuks me deu uma resposta linda, ela falou: “É como se você quisesse envelopar a pessoa amada num momento anterior ao trauma

que vai ser a perda depois. Você segura ela num abraço imaginário que diz: Eu te amo, eu vou morrer, morrer depois, mas eu te amo!”.

Mas a resposta que eu mesmo daria a essa pergunta só veio muito tempo depois. Eu escrevo isso em meu livro sobre a fantasia, e a resposta não está aqui, porque depois de tanto perguntar, de tanto pensar sobre isso, é que eu acabei encontrando a minha resposta, e ela está em Clarice Lispector, indiretamente. Ela não fala assim, mas eu descobri alguma coisa que remete a isso, a nossa santa Clarice, queridíssima. Eu acho que o sujeito na iminência da morte declara o amor por um fator: para não morrer sozinho. Só para isso. Porque a pior coisa do mundo deve ser você morrer sozinho. Nem os animais querem morrer sós. Eles se juntam aos outros, aos corpos dos outros ou aos seus donos. O livro de Olga Borelli – que foi a amiga dela no final da vida – conta que, quando ela ia morrer, ela disse: “Me dá sua mão”. E ela morre segurando a mão da amiga.

O amor é poderosíssimo, ele enfrenta a morte. Ele quer lutar com o adversário mais terrível que nós temos. Em Freud e em Lacan, ele é essencialmente narcísico porque ele tem essa estrutura. De onde vem esse amor todo? Talvez vocês pudessem me dizer também, em relação a essa pergunta, o que vocês acham, vocês devem ter ideias sobre isso. Mas de onde vem esse amor todo? A resposta de Freud é muito consistente. Ele vem de um narcisismo primário. O que é o narcisismo primário? É aquilo que, ao chegar o bebezinho ao mundo, os pais depositam todo o desejo e todo amor deles naquele serzinho, que ainda não é uma pessoa, ainda não é um sujeito, mas recebe tudo o que implica o

desejo de vida. Então, esse narcisismo primário do qual Freud fala seria a fonte, pois “o ego é o reservatório da libido”, o reservatório da libido do narcisismo.

Freud chegou a dizer isso: “Aquela criança que foi muito amada pelos pais, ela já entra na vida com um saldo positivo”. E Sándor Ferenczi ([1929] 2011) fez um belíssimo texto, que é uma das joias da psicanálise, chamado *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*. Gosto de ler esse texto com a ótica lacaniana, evidentemente, porque Ferenczi vai tematizar exatamente aquilo que Lacan mostra com a noção de Grande Outro: quando o sujeito vem ao mundo é o amor e o desejo do Outro que vão vitalizar o corpo e a mente desse futuro sujeito, que nem é sujeito ainda, dando a ele um futuro de sujeito e transformando a pulsão de morte, que está lá desde o começo, em pulsão de vida. Pode-se ver que até aí o amor está fazendo frente à morte, o amor transforma a pulsão de morte em pulsão de vida.

REFERÊNCIAS

- BORELLI, O. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- BORGES, J. L. *Sete noites*. São Paulo: Max Limonad, 1980.
- DWYER, J.; FLYNN, K. *102 minutos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FERENCZI, S. *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929). São Paulo: WMF Martins Fontes, 1992. p. 47-51. (Obras completas, v. 4).
- GALLAND, A. *Les mille et une nuits*. Lausanne: La Guilde du Livre, 1960.
- JAROUICHE, M. M. *Livro das mil e uma noites*. São Paulo: Globo, 2006.
- JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan - v. 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- JORGE, M. A. C. *Sexo e discurso em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M. D. Magno. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Campo Freudiano no Brasil).
- MILAN, B. *E o que é o amor?*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SAFOUAN, M. *Estudos sobre o Édipo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE é Psicanalista; Psiquiatra; Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro; Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Membro da *Association Insistance* e Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise.

macjorge@corpofreudiano.com.br

Texto estabelecido por Macla Nunes a partir da palestra proferida pelo autor sob esse título, no encontro promovido por Lacaneando sobre “O amor e seus discursos”, realizado em São Paulo, em março de 2016, e publicado na *Revista Reverso*, v. 41, n. 77.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000100009

‘SE VOCÊ ME ABANDONAR, EU TE MATO’

O QUE É DE ESTRUTURAL NA TRANSFORMAÇÃO DO AMOR EM ÓDIO?

Por HELONEIDA NERI

*“L’amour est un enfant de bohème
Il n’a jamais jamais connu de loi
Si tu ne m’aimes pas je t’aime
Si je t’aime prend garde à toi”*

Habanera
ária da Ópera Carmen de G. Bizet
1874

Neste artigo, pretendo destacar uma das formas de manifestação do ódio que nos coloca um enigma: o que leva alguém a matar seu objeto de amor quando este sai do lugar de objeto desejado e passa a ocupar o lugar de sujeito de um desejo que visa outra direção?

Precisamos falar de amor e ódio, e farei alguns comentários sobre essas duas paixões, faces de uma mesma moeda, priorizando seu aspecto estrutural e constitutivo no ser falante. Tais comentários estão no fundamento das reflexões que partem não só da clínica psicanalítica, como também da observação de um retorno obscurantista que nos assombra enquanto sociedade.

O Brasil ocupa o quinto lugar em um ranque terrível, dentre outros lamentáveis, de violência e assassinato de mulheres – crimes praticados, em sua maioria, por seus maridos, ex-maridos, namorados ou amantes. Aqui, a ênfase no “ex” é importante, porque nos chama atenção o número de mulheres mortas após vários dias ou meses de separação. Isto é, é a não elaboração da perda do objeto amoroso que aparece na origem dos assassinatos. Estatisticamente, quando a mulher mata o seu marido (ou amante), ela o faz durante o relacionamento, com frequência, quando se sente traída, desrespeitada, violentada. Trata-se de uma passagem ao ato, de uma reação, de um ponto de basta visando defender-se de uma situação tóxica, abusiva e violenta, muitas vezes, suportada por um longo tempo. Estas observações nos instigam a uma reflexão, e para isso um recorte se faz necessário.

Nos casos que pretendo destacar, o lugar do “ex” é central, porque, na maioria das vezes, a separação já está consumada; a seguinte narrativa é frequente: o casal não se fala há

¹ “O amor é uma criança da boemia, Ele nunca nunca conheceu a lei,

Se você não me ama eu te amo,
Se eu te amo te cuida” (Tradução livre).

meses, e eis que “do nada” surge um assassino movido pelo ódio que ataca violentamente aquela que um dia foi seu objeto de amor. Nem mesmo o fato de, em alguns casos, a mulher ser a mãe dos seus filhos o impede de tamanho desatino. Ele invade o seu local de trabalho, a casa de familiares ou a mata na rua, enquanto passeava com o filho. Em um caso recente – cuja vítima era uma corretora de imóveis, residente na zona oeste do Rio de Janeiro – o casal estava separado há quase seis meses. Ao final desse período, a mulher foi assassinada diante da criança. Em outro caso noticiado pela mídia, imagens de uma câmera de segurança mostraram o exato momento em que um ex-marido invadiu o local de trabalho de uma jovem cabeleireira e a golpeou até a morte. Por ora, não nos alongaremos aqui trazendo mais casos dessa natureza, todavia é válido ressaltar que os boletins de ocorrência policial estão repletos de exemplos. O que se passa nessa hora?

Sabemos que quem ama não mata. É o ódio que mata. O ódio que surge onde antes, ao menos por algum momento, havia amor... Essa transformação do amor em ódio mostra sua relevância ao tentarmos apreender o que está em jogo na estarrecedora violência entre casais que antes se mostravam apaixonados e que, num depois, protagonizaram uma cena de crime, culminando com a morte de mulheres, prioritariamente. *“Se não for minha, não será de mais ninguém”*. Tal frase, repetida nos vários relatos a que temos acesso, aponta, a meu ver, o que está em jogo na relação amorosa: *“Como podes desejar algo que não eu?”*

No amor, busca-se uma completude idealizada e, portanto, impossível: *“Eu quero a sorte de um amor tranquilo / Com sabor de fruta mordida... Ser teu pão, ser tua comida / Todo o amor que houver nesta vida / E algum trocado pra dar garantia / E ser artista no nosso convívio / Pelo inferno e céu de todo dia / Pra poesia que a gente não vive / Transformar o tédio em melodia... / E se eu achar a tua fonte escondida / Te alcanço em cheio o mel e a ferida... / E algum remédio que me dê alegria”*, cantava Cazuza².

Uma incursão pela obra de Freud nos indica algumas referências para abordarmos a questão sobre o aspecto estruturante do ódio e o seu surgimento numa passagem ao ato, efeito do que acontece quando o simbólico não consegue dar conta do conflito em jogo. O tema do ódio aparece em vários momentos do pensamento de Freud, mas destacarei suas elaborações no ensaio *Pulsão e seus destinos*, escrito em 1915. Nele, nos é apresentada uma descrição da ambivalência afetiva amor e ódio. Ressalto o ponto no qual ele designa que um dos destinos da pulsão seria “a reversão ao oposto”. Há uma reversão do conteúdo da pulsão, algo que pode ser observado na transformação do amor em ódio. Ele destaca a frequência com que observamos amor e ódio dirigidos simultaneamente para o mesmo objeto, sendo esta coexistência o modelo mais importante da ambivalência: “... o caso do amor e do ódio adquire interesse particular pela circunstância de resistir ao enquadramento em nossa descrição das pulsões. Não se pode duvidar da íntima da relação entre esses dois afetos contrários e a vida sexual” (Freud, 1915, p. 72).

² “Todo o Amor Que Houver Nessa Vida”, Cazuza.

A observação de Freud é que o amor não é suficiente para expressar aquilo que está em jogo no terreno sexual, e ao nos perguntarmos o que dificulta essa articulação entre amor e sexo, a resposta parece óbvia: o amor visa à completude, e o sexo é a impossibilidade de fazer um: “Sexo é escolha / Amor é sorte... / O amor nos torna / Patéticos / Sexo é uma selva / De epiléticos... / Amor é um / Sexo é dois / Sexo antes / Amor depois / Amor é isso / Sexo é aquilo / E coisa e tal / E tal e coisa...”³.

Freud distingue três modalidades de opostos relativos ao amor: a antítese entre amar e odiar; a posição passiva daquele que demanda ser amado (amar-se amado) e a indiferença ou insensibilidade como o oposto do conjunto amor e ódio. Se o ódio existe de modo primitivo, originário, sendo constitutivo do sujeito, por outro lado, o ódio também é aquilo no qual o amor tende a reverter-se, como efeito de uma frustração com o objeto que venha a desempenhar uma função desprazerosa: “O eu odeia, abomina, persegue com propósitos destrutivos todos os objetos que se lhe tornam fonte de sensações desprazerosas, não importando se para ele significam uma frustração da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação” (Freud, 1915, p. 78).

O amor “deriva da capacidade do eu para satisfazer autoeroticamente, pela obtenção de prazer de órgão, uma parte de suas moções pulsionais”. Originalmente narcísico, o amor passa, somente depois, a tomar a forma do investimento objetal, ou

seja, ele vincula-se a atividades pulsionais ulteriores.

Por sua vez, o ódio, enquanto relação com o objeto, é mais antigo, tem como sua fonte as pulsões de conservação e provém de um repúdio primordial do eu narcísico para com o mundo externo, sendo uma expressão da reação de desprazer provocada pelos objetos. Além disso, ele irá se manifestar de modo a constituir a oposição mesclada ao amor. Freud, então, conclui que “quando a relação de amor com um determinado objeto é rompida, não é raro que o ódio tome o seu lugar, com o que temos a impressão de que o amor se transformou em ódio” (Freud, 1915, pág. 80).

Marco Antonio Coutinho Jorge⁴ apresenta em seu livro, *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan vol.1*, uma articulação entre amor, desejo e gozo disposta em um esquema no qual podemos ver relacionados, de maneira esclarecedora, os elementos principais em jogo na “lógica do encontro desejante e amoroso”.

No esquema⁵ proposto por Jorge, temos a articulação entre elementos estruturais, cuja base é a ausência de inscrição da diferença sexual no inconsciente, conforme indicado por Freud, e o real, de acordo com a lógica borromeana utilizada por Lacan. Por conta da ausência de inscrição da diferença sexual, amor, desejo e gozo são as três faces da sexualidade. Para ele, a paixão amorosa exacerba o sentimento inerente ao amor, conferindo ao sujeito uma ilusão de completude como efeito derradeiro da estrutura. Tal ilusão dá ao sujeito a sensação de proximidade com o gozo absoluto, pois

³ “Amor e sexo”, Arnaldo Jabor, Rita Lee e Roberto de Carvalho.

⁴ JORGE, M. A. C., *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*, v. 1, 2000, p. 147.

⁵ JORGE, M.A.C., op. cit., p. 147.

ela está ligada à dimensão do gozo, e não do princípio de prazer. No nível imaginário, o objeto condensador de gozo torna-se imprescindível. Por isso, Lacan ressalta que as paixões são “uma alienação do desejo”.

Jorge nos lembra ainda que, na paixão, o sujeito ama uma ilusão de ótica para a qual ele tenta dar um nome e um rosto. A causa do desejo é algo desconhecido e inominável, um encontro sempre faltoso do ser com a linguagem. Na condição radical da subjetivação, que faz com que o sujeito erija seu próprio desejo na referência ao desejo do Outro, encontra-se um ponto de impasse, indicado pela dimensão mortífera da vida, em sua alienação radical – a dimensão criminosa do desejo do Outro.

É o que parece indicar a letra do poeta ao destacar o lugar de desamparo com o qual se depara o sujeito quando o seu antigo objeto de amor se desloca para uma posição desejante: *“Olhos nos olhos quero ver o que você faz ao sentir que sem você eu passo bem demais. E que venho até remoçando, me pego cantando sem mais nem por quê...”*⁶.

Assim, segundo Jorge, a paixão não correspondida tem, muitas vezes, no seu horizonte, o crime de paixão, e esta é “única maneira de atingir, ilusoriamente, A relação sexual, com a eliminação radical da diferença do desejo do Outro, o qual sempre introduz, naturalmente, em toda relação, alguma forma de castração”. O que ele propõe seria o ponto onde o gozo absoluto revela seu aspecto mortífero e sua relação indissociável com a pulsão de morte, pois, “a ilusão de seu atingimento e de sua perda se

ilustra pelo assassinato passional” (Jorge, 2000, p. 147).

Então, de acordo com Freud, o ódio vem em primeiro lugar; ele é inerente ao sujeito, resultado de sua hostilidade basal para com o Outro – este Outro que tanto o constitui quanto o priva da completude. No entanto, o ódio também é consequência da frustração do sujeito diante deste Outro que, sobremaneira, não lhe basta para a completude almejada. O ódio original é o ódio ao Outro, este que Freud propriamente aloca no interior do conceito de pulsão de morte, distinguindo-se do ódio subsequente, derivado das relações objetivas estabelecidas posteriormente, o ódio ao outro, ao rival, ao semelhante. Mas o que de fato observamos é que ambos permeiam as relações humanas lado a lado com o amor, de modo decisivo. Daí pensarmos que, para apontar o que está em jogo para a psicanálise, Lacan vai propor o neologismo *hainamoration*, isto é, *amódio*.

O amor, como o ódio, é uma *“carreira sem limite*. Segundo Lacan⁷, são sentimentos que resultam da presença constitutiva do Outro nos domínios do sujeito, não podendo ser facilmente descartados nem sequer desmembrados. O amor vislumbra o ser do Outro; o ódio, sua destituição, sua sentença de morte, sua derrisão. Esta observação lacaniana nos permite interrogar porque, afinal, amor e ódio são parceiros tão inseparáveis: se, deste Outro, do qual o sujeito espera uma resposta, ele só obtém a parcialidade (S(A)), isto irá desdobrar-se, reverter-se no mais profundo ódio, no forte intuito de rebaixar este Outro. Há uma dimensão imaginária no ódio, uma vez que

⁶ “Olhos nos olhos”, Chico Buarque.

⁷ LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*, 1953-1954. p. 316

este rebaixamento é um polo da mesma estrutura, a outra metade da laranja, o outro lado da mesma moeda que induz o sujeito a depositar no outro uma certa fascinação.

Sabemos que Lacan se inspirou em G. Bataille (1957) para a construção dos conceitos de gozo e de objeto a. No livro sobre o erotismo, encontramos mais uma indicação do que parece estar em jogo na relação do erotismo com a pulsão:

“Se a união de dois amantes é o efeito da paixão, a paixão, ela evoca a morte, o desejo de assassinato ou de suicídio. O que designa a paixão é um halo de morte. (...) O ser amado, para o amante, é a transparência do mundo. O que transparece no ser amado é o ser pleno, ilimitado, que a descontinuidade pessoal não mais limita. É, numa palavra, a continuidade do ser percebida como uma liberação a partir do ser do amante. (...) No fundo, nada é ilusório na verdade do amor: o ser amado equivale para o amante, só para o amante, sem dúvida, mas não importa, à verdade do ser. O acaso quer que, através dele, a complexidade do mundo tendo desaparecido, o amante perceba o fundo do ser, a simplicidade do ser.”⁸

Lacan vai destacar a forma como ele, ao falar de amor e de ódio, designa para o sujeito algumas “vias da realização do ser – não a realização do ser, mas somente suas vias” (Lacan, 1953/4, pág. 316). Destaca como fundamental a distinção entre o amor como paixão imaginária, do dom ativo que constitui o plano simbólico: “o amor daquele que deseja ser amado, é essencialmente uma tentativa de capturar o outro em si mesmo, em si mesmo como objeto” (Lacan, 1953/4: pág.:314). Aqui encontramos o que está em jogo na paixão que, ao tornar o objeto imprescindível, diante de sua perda, provoca no sujeito uma tentativa desesperada de mantê-lo, ainda que na morte. É o horror surgido no deslocamento

do amado enquanto objeto para a posição de sujeito na cena desejanste, que parece transformar o amor em ódio, cujo efeito no amante é a tendência à destruição do mesmo objeto que, decaído, o deixa em total desamparo: “*se você me abandonar eu te mato!*”.

Quanto ao aspecto estrutural, Lacan vai destacar que há uma dimensão imaginária do ódio, “na medida em que a destruição do outro é um polo da estrutura mesma da relação intersubjetiva”. Ainda nesse Seminário, ele vai afirmar que, ao contrário do que se pode apreender em outras épocas, em nossos dias, “os sujeitos não têm de assumir o vivido do ódio, no que pode ter de mais abrasador. E por quê? Porque já somos muito suficientemente uma civilização do ódio” (Lacan, 1953/4: pág. 316).

Isso se aproxima do que Freud vai concluir, no ensaio *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, quanto ao caráter atemporalmente bélico do sujeito: “de modo que também nós, se formos julgados por nossos desejos inconscientes, somos um bando de assassinos, tal como os homens primitivos. É uma sorte que todos esses desejos não tenham a força que ainda lhes atribuíam os homens da pré-história; no fogo cruzado das maldições recíprocas, a humanidade já teria há muito perecido, não excluindo os melhores e mais sábios dos homens e as mais belas e amáveis entre as mulheres” (Freud, 1915, p. 243).

⁸ BATAILLE, G., *O Erotismo*. p. 44

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. A pulsão e seus destinos (1915). Obras completas, vol. 12. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). Obras completas, vol. 12. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan - As bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

LEMOINE-LUCCIONI, E. *A Mulher... Não-Toda*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

RECALCATI, Massimo. *Não é mais como antes: elogio do perdão na vida amorosa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

HELONEIDA NERI é Psicanalista; Psicóloga; Mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Analista e cofundadora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro.

heloneidaneri@corpofreudiano.com.br

Comunicação apresentada no IX Encontro Nacional e IX Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, *O Mundo e o Imundo – A Psicanálise diante do Horror*, em novembro de 2019.

A DEVASTAÇÃO NA RELAÇÃO MÃE E FILHA

Por TERESINHA COSTA

INTRODUÇÃO

Historicamente, a teoria freudiana sobre a sexualidade feminina desenvolve-se em torno do deslocamento da importância do pai no desenvolvimento psicosexual da mulher para dar lugar também à mãe. Freud chega à conclusão que será impossível compreender uma mulher, a não ser analisando-se sua relação com a mãe. Essas conclusões foram resultado de um longo trabalho de escuta de suas analisandas e de muitas inquietações teóricas sobre o enigma da sexualidade feminina, pois sabemos que ele sempre se queixou da obscuridade que envolvia a vida sexual das mulheres, chegando até a escrever para Marie Bonaparte que, apesar de seus 30 anos de pesquisa sobre a alma feminina, ainda não fora capaz de responder à questão: o que quer a mulher? No entanto, esse era um problema que sempre esteve em sua mente e, em 1925, no artigo “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, encontramos a síntese de fragmentos de conhecimentos obtidos no decorrer de muitos anos de pesquisa: a importância da fase pré-edípica; a diferença entre os complexos de castração e de Édipo do menino e da menina e a diferente construção do superego em cada um. Entretanto, essas descobertas ainda não

eram suficientes para explicar o “enigma” da sexualidade feminina. Toda essa teorização será ampliada posteriormente no artigo “Sexualidade feminina”, escrito em 1931, mas a vida sexual da mulher continuava sendo um “continente negro”, um campo ignorado. Nesses textos, Freud retoma as teorizações dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, enfatizando que as vicissitudes do complexo de castração são diferentes na menina e no menino. A tese da bissexualidade constitucional marca o postulado de que a sexualidade e a feminilidade não são essencialmente biológicas, mas, sobretudo, posições resultantes de uma organização psíquica que tem por base o complexo de Édipo. Todos os seres humanos, em função de sua constituição bissexual, possuem, ao mesmo tempo, características masculinas e femininas. Entretanto, a assunção de uma posição subjetiva masculina ou feminina é tributária do que acontece na infância do sujeito na sua passagem pelo Édipo. Cada criança deve percorrer um caminho para chegar à realização de uma identificação sexual. No decurso desse processo de subjetivação do sexo, a anatomia e a referência ao corpo têm o seu peso, mas estas, por si mesmas, são insuficientes para determinar a constituição do ser sexuado do sujeito homem ou mulher.

O COMPLEXO DE CASTRAÇÃO E ÉDIPO NO MENINO E NA MENINA

Inicialmente, Freud presume existir um paralelo completo entre a vivência edípica no sexo masculino e no feminino, ou seja, que a primeira afeição de uma menina é para com seu pai e os primeiros desejos do menino são dirigidos à sua mãe. Mais tarde, em 1923, ao descrever a fase fálica, ele estabelece que há diferença entre os processos no menino e na menina, mas o que se passa com a menina ainda lhe é desconhecido. Para o menino, o objeto de amor é a mãe. O menino entra no Édipo e começa a manipular seu pênis, entregando-se a fantasias ligadas à mãe. Depois, sob o efeito conjunto da ameaça de castração proferida pelo pai – ou pela mãe e seus substitutos – e da angústia provocada pela percepção do corpo feminino, privado de falo, renuncia a possuir o seu objeto de amor – a mãe. O afeto em torno do qual o complexo de Édipo masculino se inicia e chega a um desenlace é a angústia, ou seja, é o medo de ser privado daquela parte do corpo que, nessa idade, o menino tem como objeto mais estimável – seu pênis. Portanto, é a angústia de castração que barra o caminho do menino em direção ao amor pelo pai, fazendo com que ele renuncie ao pai como objeto de amor e se identifique com ele. Essa identificação se torna, então, possível porque o menino o amou e renunciou a esse amor. Ao se identificar com as insígnias do poder paterno, o menino efetua uma passagem do ter – ter o pai como objeto de amor – ao ser como ele. O complexo de Édipo é dissolvido na medida em que a angústia de castração põe fim tanto à ligação erótica com a mãe quanto à ligação amorosa como pai. No final desse

processo, o menino entra no período de latência.

Mas, nesse momento, Freud se pergunta: “Como se realiza o desenvolvimento correspondente nas meninas?”

À menina é exigido um duplo esforço de transformação, por isso a compreensão de seu complexo de Édipo levanta um problema a mais do que nos meninos. Em seu percurso para tornar-se mulher, a menina deverá abandonar a erotização clitoridiana para que a esta suceda a erotização vaginal. Antes, a menina se comportava como um homenzinho, sendo o clitóris o correlato do pênis, o órgão fálico por excelência. Ao constatar sua “inferioridade” anatômica, a menina lança-se na busca de objetos que possam substituí-lo. Cabe ressaltar que Freud considerava a menina um menino que deveria abrir mão de sua sexualidade ativa, ligada à erotização clitoridiana, porque ele ainda não havia percebido a intensa ligação que ambos os sexos têm com a mãe, ou seja, toda criança é sempre um menino para a mãe, por constituir um substituto fálico para ela. Assim, tanto o menino quanto a menina procuram ativamente satisfazer a mãe, ou, conforme afirma Lacan, procuram ser o falo que falta à mãe: “Ser ou não ser o objeto de desejo da mãe” (Lacan, Sem. 5, p. 197).

Freud passa a dar relevo à fase pré-edípica da menina por se deter no fato de que, também para ela, a mãe é o primeiro objeto de amor. Logo, o enamoramento pelo pai é o sucessor da intensa ligação originária com a mãe. Para a menina, o complexo de Édipo é uma formação secundária, e as operações do complexo de castração o precedem e o preparam. Assim, além de fazer uma

mudança de órgão, ela precisa trocar o objeto materno pelo paterno.

Mas o que levaria a menina a realizar essa mudança? Como a menina entra no complexo de Édipo?

Aos poucos, Freud foi imprimindo nova dimensão à suposta necessidade da menina de renunciar à sexualidade ativa, voltando-se ao pai para tornar-se mulher. Ele chega à conclusão de que, se a menina renuncia à satisfação ativa dirigida inicialmente à mãe, não é somente porque deseja voltar-se para o pai, mas, sobretudo, para afastar-se da mãe, para desligar-se dela. Assim, é da relação com o Outro materno que se depreenderá algo próprio à questão da feminilidade. É na ligação com o seu primeiro objeto de amor que estão as marcas fundamentais da sexualidade da mulher, sendo, muitas vezes, um caminho tortuoso conseguir realizar essa passagem da mãe para o pai, como objeto de amor. Nem sempre essa passagem se realiza, e, caso a menina continue endereçando os movimentos pulsionais ativos e passivos à mãe, isso poderá trazer dificuldades na assunção de sua feminilidade.

Se no complexo de castração do menino o afeto que predomina é a angústia, no complexo de Édipo da menina é a inveja – “inveja do pênis”.

A menina responsabiliza a sua mãe por sua falta de pênis e não lhe perdoa por essa desvantagem. Como não há um significante específico para a mulher, como o falo o é para o menino, para a menina, será muito difícil abrir mão de sua identificação fálica junto à mãe e separar-se dela. Essa identificação lhe dava, de certa forma, uma

consistência para seu ser, ou seja, ser o objeto de desejo da mãe.

No artigo “A sexualidade Feminina” (1931), Freud acentua ainda mais o ódio em relação à mãe explicando a intensidade dessa raiva pela intensidade do amor que a precedia e pela decepção. Afirma que certas mulheres permanecem em sua ligação original com a mãe sem nunca alcançarem uma verdadeira mudança em relação aos homens.

Na conferência XXXIII - “Feminilidade” (1933), Freud enfatiza que o resultado de todo esse processo de desvinculação é o ódio da menina por sua mãe. Ele pontua que esse sentimento pode durar toda a vida de uma mulher ou pode ser superado em parte, mas um resto sempre persiste.

Ao fim da elaboração freudiana sobre a feminilidade, esta se apresenta como um impasse. Tornar-se mulher enquanto resolução do Édipo frente à castração apresenta-se como uma operação difícil para a mulher. Freud escreve que

“o anseio com o qual a menina se volta para o pai é exatamente o desejo do pênis do qual a mãe lhe recusou e que agora espera obter do pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica” (1933, p. 157-158).

Com a transferência, para o pai, do desejo de um pênis-bebê, a menina inicia o complexo de Édipo. A passagem pelo Édipo dá à menina o estatuto de sujeito, mas deixa ainda várias questões abertas, pois o pai não poderá lhe dar uma identificação especificamente feminina; tal identificação só poderá encontrar junto à mãe, mulher como ela. Tornar-se mulher, na teoria freudiana, se confunde com o tornar-se mãe.

Veremos, a seguir, com Lacan, que mais além da mãe existe uma mulher cujo desejo não se esgota no seu desejo de filho.

CATÁSTROFE (FREUD) OU DEVASTAÇÃO (LACAN)

Lacan trouxe contribuições valiosas para a teoria da sexualidade feminina. Além de a feminilidade de uma mulher constituir-se “entre pai e mãe”, como preconizava Freud primeiro e Lacan desenvolvera, a feminilidade se constitui “entre duas mães” (Zalberg, 2003, p. 15). O que Lacan vem enfatizar é a importância, para a menina, do desdobramento “da figura da mãe em uma função materna e em uma função feminina, na medida em que a mãe é também uma mulher” (Zalberg, 2003, p. 15).

É fundamental que a mãe consiga viver-se mãe e mulher, sem abdicar de suas funções materna e feminina, para que a filha possa encontrar um apoio para formar sua feminilidade distinta da de sua mãe.

Finalmente, Lacan abordará a devastação. Ele chega a esse termo ao retomar o que Freud denominou de catástrofe na relação da filha com sua mãe. Porém, se para Freud a devastação está intimamente ligada à reivindicação fálica, Lacan a localizará para além do falo. Devastação será um dos nomes utilizados por Lacan para falar do não-todo. A postulação de Lacan da existência de um outro gozo que se situaria como suplementar ao gozo fálico, o gozo feminino, permite pensar a devastação para além de uma lógica fálica do ser e do ter, para além da demanda e do desejo. O que Lacan acrescenta é o fato de que a lógica fálica não regula todo o campo do gozo. Há uma parte que permanece real. Assim sendo, a

devastação não se reduz à cicatriz da castração feminina tomada em sua dimensão simbólica, mas aponta para um gozo desconhecido, feminino, não redutível ao falo e refratário ao simbólico.

A devastação caracteriza uma relação passional na qual a separação entre a mãe e a filha é sempre adiada. Estas não conseguiriam encontrar uma saída para a mesma a não se em termos de ruptura. Há uma demanda incessante de amor, e isto está ligado ao sem limites do gozo feminino.

Em “O aturdido”, Lacan afirma que:

“... a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida, contrasta dolorosamente com a realidade da devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem como mulher ela realmente parece esperar mais substância do que do pai” (1973/2003, p. 465).

O que Lacan quer dizer quando afirma que a menina “espera mais substância da mãe”?

Substância significa o que há de essencial, e é isso que a filha busca na mãe, ou seja, busca a essência de sua feminilidade junto à mãe, de forma muito mais intensa do que junto ao pai. Mas nem sempre ela consegue.

O que está em jogo é a dificuldade enfrentada pela menina em aceitar que a mãe não possa lhe prover um símbolo de sua identificação feminina, exatamente porque tal símbolo não existe. Como não há um significante específico para a mulher como o falo o é para o menino, para a menina, será muito difícil abrir mão de sua identificação fálica junto à mãe e separar-se dela para construir sua própria versão de sujeito feminino.

A catástrofe, mencionada por Freud, ou a devastação, denominada por Lacan, ocorrem na relação mãe e filha quando a mãe não se dá conta e não sustenta as dimensões da função materna e feminina que ela representa para sua filha.

Em *O Seminário: livro 20, Mais ainda*, Lacan afirma que não existe um significante que designe A mulher. Não se pode dizer a mulher ou as mulheres, mas apenas uma mulher. Aquelas que se situam nesse conjunto só podem ser contadas uma a uma, pois é assim que elas se situam em relação à função fálica, o que Don Juan segue à risca ao estabelecer o seu catálogo. “Não há A mulher, pois por sua essência ela não é toda” (Lacan, 1972/2008, p. 98). Diante do furo, é preciso inventar, ou seja, construir seu ser mulher, e Lacan afirma que o ser mulher se resolve uma a uma, ou seja, como cada mulher se inventa a partir do nada. “O não-todo é a área onde está situada a devastação. Essa zona não tem a limitação que a triangulação edípica sustenta. No interior do enquadre edípico ela é uma abertura ao ilimitado, ao deserto infinito do real. É assim que a mãe pode se apresentar para uma filha” (Vieira; Barros, 2015, p. 68).

É importante destacar a dificuldade existente em definir a devastação. Jacques-Alain Miller (2016) faz uma diferenciação entre devastação, como sintoma da mulher, e sintoma propriamente dito. Afirma que a devastação encontra-se do lado feminino e é constituída pelo infinito da estrutura, como não-todo, do lado mulher da tábula da sexualização. Nesse sentido, as devastações são inclassificáveis. Já o sintoma propriamente dito se manifesta como localizável e passível de ser classificável. O sintoma é uma resposta do sujeito e é passível de ser interpretado. A devastação é um estado,

uma afetação, é alguma coisa de que o sujeito sofre e, por não ser um sintoma, não é algo que cede à interpretação do inconsciente. O que está em jogo na devastação é o gozo feminino, já que a mulher tem uma relação com o gozo que não passa pelo significante. Isso porque, ela não tem condições de simbolizar o seu sexo. Dito de outro modo, a devastação seria um efeito do gozo do Outro, gozo situado, na teoria lacaniana, no lado feminino da sexualização e que não passa pela palavra, não pode ser dito, só podemos supô-lo.

Em “Uma partilha sexual”, Jacques-Alain Miller procura definir a devastação:

“O que é a devastação? É ser devastado. O que chamamos de devastar uma região? É quando nos entregamos a uma depredação que se estende a tudo. Não no sentido pequeno: tudo bem completo. É uma depredação sem limites. Isso que Lacan chama de ‘o todo fora o universo’ o todo que não se completa como um universo fechado, limitado. É uma dor que não para, que não conhece limites” (2016, p. 18).

M. H. Brousse (2004) chama atenção para a existência de “uma zona obscura do desejo da mãe, não saturada pelo Nome-do-Pai, e como tal sem limite definido” (p. 61), uma área não recoberta pelo Édipo. É como se a mãe tivesse um gozo a mais e que pode se manifestar como enigmático e como invasivo; na realidade, ele pode se apresentar de várias formas, e umas das formas de nomear a presença desse gozo a mais é “devastação”.

Brousse (2004) afirma que essa relação não precisa prender-se apenas na violência ou na disputa fálica. Indica que pode ser, por exemplo, “a filha querer encontrar o objeto precioso da mãe, procurar em todas as gavetas, todos os escondidos, as joias, se interessar por objetos que seriam aqueles que completariam a mãe no imaginário do

falo. O mesmo poderia ser dito sobre a mãe de encontrar os segredos da filha, sendo o mais famoso o do “querido diário” que a mãe sempre acaba por encontrar" (Vieira; Barros, 2015, p. 66). Com relação ao tema da cicatriz, entendida como a marca de uma perda, focaliza-se uma falta, e uma série de tensões se estabelece nessa relação. A disputa sobre quem perdeu, onde perdeu, quem perdeu mais, quem perdeu menos são modalidades do que na clínica pode ser representado dessa relação conturbada de um falo que não está estabilizado na relação mãe e filha.

Concluimos dizendo que a devastação é assim chamada devido à relação conflituosa que algumas mulheres têm com a mãe e aos efeitos desastrosos produzidos na vida de ambas, dificultando que a filha assuma uma posição feminina. A filha responsabiliza a mãe por esta não haver lhe transmitido o segredo da feminilidade.

REFERÊNCIAS

BROUSSE, M-H. Uma dificuldade na análise de mulheres: a devastação na relação com a mãe. In:

Miller, J.-A (org). *Ornicar? De Jacques Lacan a Lewis Carroll*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

COSTA, T. *Édipo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FREUD, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. *Edição Standard das obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. 1978.

FREUD, S. (1931). Sexualidade feminina. *Edição Standard das obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

FREUD, S. (1933). A feminilidade - Conferência XXXIII, *Edição Standard das obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

LACAN, J. (1957-1958) *O Seminário Livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro. Zahar, 1999.

LACAN, J. (1972). *O Seminário livro 20: "Mais, ainda"*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. (1973). O Aturdido. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

MILLER, J. A. Uma partilha sexual. In: *Opção Lacaniana online nova série*. Ano 7, Número 20, julho de 2016.

VIEIRA, M.; & BARROS, R. R. *Mães*. Rio de Janeiro: Subversos, 2015.

ZALCBERG, M. *A Relação Mãe e Filha*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

TERESINHA COSTA é Psicanalista; Analista e cofundadora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro; Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

teresinhacosta@gmail.com

Comunicação apresentada no IX Encontro Nacional e IX Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, *O Mundo e o Imundo – A Psicanálise diante do Horror*, em novembro de 2019.

INFORMES

ENCONTRO
NACIONAL
X
COLÓQUIO
INTERNACIONAL

CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE

WWW.CORPOFREUDIANO.COM.BR/DECIMOENCONTRO

ORGANIZAÇÃO: SEÇÃO FORTALEZA | SEÇÃO RIO DE JANEIRO

12 - 13 - 14
NOVEMBRO
2020

ONLINE
YOUTUBE.COM
CORPOFREUDIANO

O
VALOR
DA
VIDA
DA
VIDA
VALOR
O

100 ALÉM DO PRINCÍPIO
ANOS DE PRAZER

:: designer gráfico: paula maribondo ::

 **Seminario Ψ
Psicoanalítico** (TUCUMÁN,
ARGENTINA)

**1, 2 Y 3
OCTUBRE
2020**

INVITA AL
**COLOQUIO
INTERNACIONAL**

PLATAFORMA ZOOM

**¿AÚN SIGUE VIGENTE
EL AMOR?**

REFLEXIONES
CONTRA EL ODIO



CONFERENCISTAS INVITADOS DE:
CANADÁ | ESTADOS UNIDOS | MÉXICO
COLOMBIA | BRASIL | FRANCIA | ARGENTINA

**INFORMES
E INSCRIPCIONES**

✉ SEMINARIOPSIKOANALITICO@GMAIL.COM
🌐 WWW.SEMPSI.COM.AR
f @ SEMINARIO.PSIKOANALITICO

Inscrições gratuitas

Para maiores informações: seminariopsicoanalitico@gmail.com

Seção Cuiabá (MT)

Seminário
"Psicanálise e
Universidade"
com Denise Maurano

Quarta-feira - 30/09/2020
Às 20h (horário de Cuiabá)

Online via Zoom

Evento aberto ao público externo da
Escola

INSCRIÇÕES | Vagas limitadas

Encaminhar para o e-mail abaixo seu nome completo e no assunto escrever: Seminário Psicanálise e Universidade.
CORPOFREUDIANO.SECAOCUIABA@GMAIL.COM
O link será disponibilizado na confirmação da inscrição.



Núcleo São Paulo (SP)

CORPO FREUDIANO- SP
CONVIDA:

“VARIações PSICANALÍTICAS
SOBRE A VOZ E A PULSÃO
INVOCANTE”.

Palestra e lançamento do livro de Jean-Michel Vivès: “Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante”, Editora Contracapa

Comentários : Mário Eduardo Costa Pereira seguido de discussão com o público

Jean-Michel Vivès é Psicanalista. Professor Titular de Psicologia Clínica e Psicopatologia na Universidade de Nice Sophia-Antipolis, membro da Association Insistance.

QUINTA-FEIRA 03 DE OUTUBRO

HORÁRIO: 20H30 AS 22H30
ATENÇÃO!
LOCAL: INSTITUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FMUSP. ANFITEATRO TÉRREO.
AVENIDA DR. ENÉAS DE CARVALHO AGUIAR, 647 PORTARIA 2 - CERQUEIRA CÉSAR, SÃO PAULO- SP
VALOR:RS50,00 (PAGAMENTO EM DINHEIRO NO LOCAL)

ACONTECIDOS

Núcleo Brasília (DF)

O NÚCLEO BRASÍLIA
do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
convida para a Noite de Fundação

Diálogos sobre o corpo

Com Marco Antonio Coutinho Jorge
e Maria Army Moraes Madeira

Participações: Denise Maurano, Laéria Fontenele,
Lucia Perez, Natália Travassos, Numa Ciro,
Sonia Leite e Teresinha Costa.

Dia 4 de agosto de 2020 às 19h30 no Zoom
ID da reunião: 970 4555 2075
Atividade aberta.

Brasília em boa companhia

Para: Lino Colares/Arquiteto pessoal
Publicado em: 18/11/2019 - Exposição faz paralelo entre esta de Brasília e legado de Linschoten da Váci - Maria Marquês - GS DF

Núcleo Vassouras (RJ)

CORPO FREUDIANO - NÚCLEO
VASSOURAS APRESENTA

**PARA QUE SERVE O
CARTEL?**

Com Sonia Leite

Dia 05 de setembro, às 10
horas
Encontro remoto pelo
ZOOM

Núcleo Dourados (MS)

Escola de Psicanálise Corpo Freudiano Núcleo Dourados

Psicanálise e Política

O analista na intensão e na extensão: Clínica e Política da Psicanálise a partir da teoria dos discursos de Jacques Lacan.

Com: Waldir Périco

Psicólogo (UNESP - campus de Assis-SP). Aprimoramento Profissional em Saúde Pública e Saúde Coletiva (Secretaria Estadual da Saúde-SP). Mestre em Psicologia (UNESP - campus de Assis-SP). Doutorando em Psicanálise (UERJ).

Possui experiência de trabalho em diversas instituições públicas de saúde mental.

Data: 11/08/20
Horário: 16:00
pela plataforma  Zoom

Escola de Psicanálise Corpo Freudiano Núcleo Dourados.

Atividade com Jovens Analistas
Evento preparatório para o X encontro nacional e X colóquio internacional

"O valor da vida, 100 anos do além do princípio do prazer"

Com Patrick dos Anjos

Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2006) e mestrado em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2018). É psicanalista associado ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise RJ.


Data: 28/08/20 horário:
16:00 pela plataforma
Zoom

ESCOLA DE PSICANÁLISE CORPO FREUDIANO NÚCLEO DOURADOS MS

ESTUDO DE CASOS CLÍNICOS
CASO "HANS"

COM TERESINHA COSTA

Psicanalista, cofundadora do CF, mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pelo programa de Pós-graduação da UERJ (2004).
Autora dos livros "Psicanálise com crianças" (2007), Ed. Zahar, "Edipo" (2010) Ed. Zahar "Letras do sintoma" (2016) org. Com Sonia Leite, Contra Capa

Data: 04/0/20 Horário: 16:00 pela plataforma  Zoom

Escola de Psicanálise Corpo Freudiano Núcleo Dourados.

ATIVIDADE COM JOVENS ANALISTAS
Evento preparatório para o X encontro nacional e X colóquio internacional

"O valor da vida, 100 anos do além do princípio do prazer"

COM BRUNO ALBUQUERQUE

Doutorando em Ciência da Religião (UFJF) com período sanduíche no exterior na Facultad de Teología de Granada (Espanha), mestre em Psicanálise (UERJ), bacharel em Psicologia (UERJ), estudante de Teologia (PUC-Rio).
Integrante de grupos de pesquisa e associações científicas nacionais e internacionais, como a International Association for the Psychology of Religion (IAPR, Nuremberg, Alemanha).

DAS FLORES NO JARDIM A UM VIVENCIAR RELIGIOSO: A ABORDAGEM FREUDIANA DA CRENÇA E DA DESCRENÇA.

Data: 11/09/20 horário: 16:00 (MS) pela plataforma  Zoom

**Escola de Psicanálise Corpo Freudiano
Núcleo Dourados**

Psicanálise e Política

Notas sobre Psicanálise e
Direitos Humanos

Com Deborah Klajnman

Professora assistente do departamento de Psicologia e Psicanálise e da especialização em Clínica Psicanalítica da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Doutora em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com cotutela em Psicologia pela Université Côte d'azur (UNICE), mestre em Clínica e Pesquisa em Psicanálise pela UERJ, especialista em Clínica Psicanalítica pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB) e graduada em Psicologia Universidade Federal Fluminense (UFF).



Data: 22/09/20 Horário: 17:00(MS).

pela plataforma Zoom

Seção Imperatriz (MA)

A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇA

Claudia Mascarenhas

Psicanalista Psicóloga (UFBA). Doutora Psicologia Clínica USP SP, Mestre Filosofia da Ciência UNICAMP. Diretora Clínica do Instituto Viva Infância, representa este na Rede Nacional Primeira Infância (RNPI) nesse momento no grupo diretivo, atualmente vice presidente para o Brasil da CIPPA (Coordination International des Psychotherapeutes et Psychanalystes qui travaillent avec autisme). Realiza o podcast "Papo de criança".
Publicou " Psicanálise para aqueles que não falam? A imagem e a letra na clínica com o bebe",
"A criança em cena: o infantil e a perversão",
e, "Atendimento a primeira infância, sinais de sofrimento".



Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
Seção Imperatriz -Ma

**22/08/2020 | SÁBADO
9H AS 11H.**

Plataforma Zoom.
ID da reunião: 843 0995 7331
Senha de acesso: 858705



Núcleo João Pessoa (PB)

Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
Núcleo João Pessoa

1 RODA DE CARTÉIS

Coordenação Lia da Fonte

Inscrições gratuitas **Data:** 11.07.2020
Inscrição : até 10.06.2020 **Horário:** 8:30h às 12:00h
de trabalhos por WhatsApp **Local:** Link do Zoom
enviado por e-mail

Contato:
Lia da Fonte >
(81) 99108-6020
liadafonte@gmail.com
Wema Lucena >
(83)98811-9085
wemadgma@gmail.com





Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
Núcleo João Pessoa

1 RODA DE CARTÉIS

Trabalhos Inscritos

- 1 A pulsão de morte e sua relação com a agressividade
Por Heloneida Neri
- 2 Considerações sobre o Viés Mitológico na Pulsão Escópica
Por Iracema Luna
- 3 Reviravoltas da Pulsão de Morte na Clínica Psicanalítica
Por Lia da Fonte
- 4 O império da Pulsão de Morte
Por Ana Lúcia T. de Carvalho
- 5 Viver a Pulsão
Por Sônia Leite
- 6 Um cantarolar - Uma travessia
Por Joana Campos
- 7 Mais um pela primeira vez
Por Eugênia Correia
- 8 As notações do desejo: algumas questões entre música e psicanálise
Por Débora Rocha
- 9 Caixinha de música: memórias melódicas
Por Wema Lucena
- 10 Cartelfim
Por Ana Lúcia T. de Carvalho
- 11 Cartel, desejo e trabalho: algumas reflexões.
Por Thereza Queiróz





Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
Núcleo João Pessoa

Fechamento do III Módulo da Formação Básica em Psicanálise

Transferência e Repetição


Conferencista Convidada
Denise Maurano
Psicanalista, membro do Corpo Freudiano, seção RJ, Doutora em Filosofia (Universidade Paris XII/FR e PUC/RJ); Pos-Doutora em Letras (PUC/RJ) e Psicanálise (Universidade de Nice/FR); Prof. Titular da UNIRIO (2019), autora de diversos artigos e livros, dentre os quais Elementos da Clínica Psicanalítica -vol 1 - O desejo e sua ética, Ed ContraCapa.

Seminário por Vídeoconferência
Data: 08/08/2020
Horário: 9h às 12h e 14h às 17h
Evento fechado na plataforma Zoom*





Seção São Luís (MA)



A CLÍNICA DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA MAUD MANNONI E O CORPO FREUDIANO DE SÃO LUÍS APRESENTAM SEMINÁRIO


A PRÁTICA ENTRE VÁRIOS E A CLÍNICA LACANIANA DOS AUTISMOS E PSICOSES

Com o psicanalista e escritor **William Amorim** e a psicanalista **Carina Faria** (La Soucoupe e Hospital psiquiátrico Infantil Feux-Follets, da Bélgica)

PROMOÇÃO **31/07/2020** SUGERIMOS ASSISTIR AO FILME "A CÉU ABERTO"

10h30

CIAMM Centro de Infância e Adolescência Maud Mannoni




O DIRETOR DO CORPO FREUDIANO SEÇÃO SÃO LUÍS WILLIAM AMORIM CONVIDA

PULSÃO: OS AVATARES DA SEXUALIDADE

MÁRCIA WERNECK
PSICÓLOGA E PSICANALISTA
CORPO FREUDIANO (RJ)

ABERTO AO PÚBLICO!

SEXTA, 28 AGO - 17H30
NA PLATAFORMA **GOOGLE MEET**



O GT PSICANÁLISE E TRABALHO APRESENTA

SUJEITO, TRABALHO PSÍQUICO E AS NOVAS FORMAS DE TIRANIA



27 DE AGOSTO DE 2020 ÀS 10H30MIN
Plataforma Google Meet
Sônia Leite - Psicanalista
Seção Rio de Janeiro

Realização: Corpo Freudiano São Luís e DQV/IFMA



SEMINÁRIO DO CORPO FREUDIANO SEÇÃO SÃO LUÍS

PRA QUE SERVE O CARTEL?

COM SÔNIA LEITE
PSICANALISTA
SEÇÃO RIO DE JANEIRO

ATIVIDADE EXCLUSIVA PARA MEMBROS E ASSOCIADOS

SEXTA, 21/08 - 17H
NA PLATAFORMA **GOOGLE MEET**
[HTTPS://MEET.GOOGLE.COM/HRV-VVRC-JHX](https://meet.google.com/hrv-vvrg-jhx)




Núcleo Macaé (RJ)

Corpo Freudiano, Escola de Psicanálise, Macaé-RJ



CONVITE

Convida para a conferência:

*Do simbólico ao real -
o terceiro passo de Freud*

Dia 31/07/20, das 19h às 21h
Plataforma Zoom ID: 742 697 2509
senha: 0000

Marco Antonio Coutinho Jorge
Médico psiquiatra e professor do Programa de pós-graduação em psicanálise
Curso de Psicologia da UERJ; Diretor do Corpo Freudiano, Seção Rio de Janeiro



Núcleo São Paulo (SP)

CORPO Freudiano
São Paulo

PRODUÇÃO E ESTILO EM PSICANÁLISE

"A PSICANÁLISE FREUDIANA NA ÁSIA. DO COMPLEXO DE ÉDIPO AO DE AJASE."

NO **facebook** **VÍDEO + LIVE**

APRESENTAÇÃO: FÁBIO BERTOLOZZI

coordenação: Daniel Hamer Roizman
para acompanhar acesse nossa página
no facebook: @corpofreudianosaopaulo

**Quinta 23/07
às 20h30**

IDEALIZAÇÃO:
AMANDA RIZZO E
DANIEL HAMER ROIZMAN

CORPO Freudiano
São Paulo

PRODUÇÃO E ESTILO EM PSICANÁLISE

"POR QUE NÃO SOU LACANIANO?"

NO **facebook** **VÍDEO + LIVE**

APRESENTAÇÃO:
MARCUS CÉSAR RICCI TESHAINER
coordenação: Daniel Hamer Roizman
para acompanhar acesse nossa página
no facebook: @corpofreudianosaopaulo

**Quinta 24/09
às 20h30**

IDEALIZAÇÃO:
AMANDA RIZZO E
DANIEL HAMER ROIZMAN

Seção Paris (Fr)

Comment devient-on psychanalyste ? Entretien avec Paolo Lollo, psychanalyste

PAR MONIQUE DE LAGONTRIE

Article publié dans le n°1217 (01 juil. 2019) de Quinzaines



PAOLO LOLLO

Passages secrets de la psychanalyse
(Eres)

Link:

nouvelle-quinzaine-litteraire.fr/mode-lecture/comment-devient-on-psychanalyste-entretien-avec-paolo-lollo-psychanalyste-1237

Corpo Freudiano Paris

INVITATION AU

Laboratoire du concept

Dimanche 27 septembre 2019
de 14 h à 16h

« **La Vie** »



La vie, du côté de l'impossible
Elle touche le réel par le rêve

Lieu : Le fil rouge, Paris 13ème

Galerie théâtrale tisseuse de liens

4, rue Yvonne, 75013 Paris
accès : M° Cornouart ou Glacière (L. 6) - Bus 21 57 62 67 88

Lors de cette rencontre chaque participant est invité à interroger à sa façon (de manière singulière) le concept en question. Pour cet atelier, nous voudrions nous arrêter sur l'idée de Vie. Chacun pourra, en se plaçant à l'écoute de la parole des autres, s'exprimer, poser ses questions et donner des suggestions à partir de sa propre **expérience**

d'analyste, d'analysant et de vie.

Le désir de l'Association Corpo Freudiano est de redonner aux concepts proposés une force nouvelle, actuelle et vivante. « *La pensée de Freud est la plus perpétuellement ouverte à la révision. C'est une erreur de la réduire à des mots usés. Chaque notion y possède sa vie propre...* » J. Lacan (Les écrits techniques de Freud 1953-1954).

Renseignements et inscriptions :
corpofreudiano@frsa.fr
Tél.: 07 50 60 34 66

Le Laboratoire est ouvert

Seule une participation aux frais vous sera demandée:
10 euros (étudiants : 5 euros)

CORPO FREUDIANO PARIS
VOUS INVITE A UNE RENCONTRE ZOOM
avec
**Betty
Milan**

11h.00
Dimanche
27
Septembre
2020

*A l'occasion
de la parution de son livre
« De vous à moi »
une psychanalyste répond
au Courrier du coeur.*

INSCRIPTION : ocourtemanche1@gmail.com / tél : 0768425253

Présentation du livre de Betty Milan
« De Vous à Moi » Erès
Rencontre avec l'auteur
"De vous à moi", une école de liberté ... des sentiments
Betty Milan avec son livre, "De vous à moi", un recueil de réponses aux lecteurs d'un grand journal brésilien, produit un premier exemple d'ouvrages qui répond à l'exigence, urgente, d'inventer des nouvelles formes d'éducation sentimentale. À la différence des livres de littérature, ce recueil de lettres introduit du nouveau radical en répondant aux questions réelles des lecteurs qui surgissent de leur expérience de vie, de leur souffrance. Les réponses que Betty Milan donne à des questions vitales, que ce soit sur l'amour, la liberté, ou encore les sexes, ouvrent au savoir inconscient de chaque lecteur et le conduisent dans le monde symbolique et poétique. Un livre surprenant qui pose une question encore ouverte :

comment transmettre un savoir autour des relations sentimentales ou tout simplement humaines ? "De vous à moi" me semble être presque un manuel de survie pour la vie amoureuse et l'apprentissage de la liberté qui sont très justement interrogés ensemble. L'éducation sentimentale, quand elle n'était pas laissée à la charité des bonnes sœurs, ou dans le meilleur des cas à la puissance de la littérature par le biais du roman, était confiée (elle l'est encore) à l'école naturelle de l'expérience singulière (parfois mauvaise) de vie, ainsi qu'à celle de l'amour et du sexe. Cette éducation amoureuse spontanée, improvisée sur le champ de bataille, accompagnée de bruits d'armes et de tant de silences, ne passe vraiment pas par la parole. Betty Milan donne avec ses propositions-réponses, pertinence et efficacité à la lettre, au signifiant, au texte et à la coupure, comme cela arrive dans une séance de psychanalyse. Paolo Lollo

Núcleo Nova Friburgo (RJ)



CORPO FREUDIANO NÚCLEO NOVA FRIBURGO

SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO BÁSICA

VIVER A PULSÃO

SÁBADO | 12/09
09:30 | ONLINE | ZOOM

COM SÔNIA LEITE

Núcleo Teresópolis (RJ)

CORPO FREUDIANO NÚCLEO TERESÓPOLIS

CONFERÊNCIA ON-LINE, ZOOM

O infamiliar

NA PSICANÁLISE, NA POLÍTICA E NA ARTE

LUCIA PEREZ

MEMBRO ANALISTA E FUNDADORA DO CORPO FREUDIANO - SEÇÃO RJ - PROFESSORA ASSOCIADA UNIRIO, PROFESSORA ASSOCIADA DO MESTRADO ACADÊMICO EM "PSICANÁLISE E POLÍTICA PÚBLICA" - UERJ, DOUTORA EM PSICANÁLISE PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSQUIATRIA, PSICANÁLISE E SAÚDE MENTAL - IPUB/UFRI (2002) E COORDENADORA DO PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIRIO "ENREDANDO SABERES, IMPASSES DA PRÁTICA".

VAGAS LIMITADAS

Inscrições GRATUITAS pelo e-mail teresopolis@corpofreudiano.com.br

Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
Tel.: 98427-1847

SÁBADO
8 de AGO
9h30




UMA INTRODUÇÃO AO REGISTRO DO

SIMBÓLICO

seminário ON-LINE com

FERNANDA SAMICO

Psicanalista - Diretora do Corpo Freudiano de Vassouras - RJ

Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
Núcleo Teresópolis

Tel.: 98427-1847

teresopolis@corpofreudiano.com.br

Fernanda Bianca Mulinis (Real. Simbólico. Imaginar)

SÁBADO
22 de AGO
9h30

